

Quatrocentos anos

Atos 7.6

Quase todo o capítulo 7 é ocupado com o julgamento e a defesa de Estêvão, embora termine com a sua morte. O sumo sacerdote sabe que tudo é uma farsa, mas finge espanto. Estêvão sabia que estava num tribunal embusteiro, e por isso não perdeu tempo com a acusação ridícula; ele entregou uma mensagem profética e condenatória. Sua lição de história começa com a obediência incompleta de Abraão, mas o que nos interessa aqui é o versículo 6.

Então o sumo sacerdote disse, “Será que essas coisas podem ser assim?” 2 Aí ele disse: “Varões, irmãos e pais, ouçam: O Deus da glória apareceu ao nosso pai, Abraão, estando ele na Mesopotâmia, antes de morar em Harã, 3 e disse-lhe, “Deixa a tua terra e a tua parentela e vem para uma terra que eu vou te mostrar’. 4 Então, saindo da terra dos caldeus, ele residiu em Harã.¹ Dali, depois da morte de seu pai,² Deus o transferiu para esta terra, na qual vocês agora vivem; 5 mas não lhe deu nela herança, nem mesmo o espaço de um pé. Ele prometeu, sim, que lhe daria a posse dela, isto é, a seus descendentes depois dele, embora não tivesse filho.³ 6 Depois, Deus falou assim: que seus descendentes seriam peregrinos numa terra estrangeira – e que seriam escravizados e maltratados – por quatrocentos anos.

Para começar, será notado que minha tradução do versículo 6 difere de todas as versões que me lembro de ter visto. Por exemplo, a FIEL diz: “E falou Deus assim: Que a sua descendência seria peregrina em terra alheia, e a sujeitariam à escravidão, e os maltratariam por quatrocentos anos”. A NVI diz: “Deus lhe falou desta forma: ‘Seus descendentes serão peregrinos numa terra estrangeira, e serão escravizados e maltratados por quatrocentos anos’”. E assim por diante – a impressão que todas essas versões dão é que os descendentes passariam 400 anos num único país, a saber, o Egito. Mas tal impressão coloca-nos num dilema: 400 anos no Egito não se enquadram nas declarações cronológicas claras encontradas em outras partes do texto bíblico.

Estêvão citou Gênesis 15.13, que deve ser entendido como um quiasmo, uma estrutura comum na Bíblia:

- A. seus descendentes seriam peregrinos numa terra estrangeira
- B. e eles seriam escravizados
- B. e maltratados
- A. por quatrocentos anos.

Uma comparação cuidadosa das passagens relevantes mostra que os 400 anos incluem desde o desmamar de Isaque até o êxodo (1891 a 1491 a.C.). Sendo que Jacó mudou para o Egito em 1706, os descendentes de Abraão foram estrangeiros em Canaã durante 185 anos, para depois serem estrangeiros no Egito (onde chegaram a ser escravizados), durante 215 anos. O êxodo ocorreu 144 anos após a morte de José, de sorte que o período de trabalho escravo deve ter sido algo menos, talvez em torno de 100 anos.

Para uma discussão detalhada e defesa das datas e prazos indicados acima, o leitor interessado deve consultar um livro que considero único: *Cronology of the Old Testament: A Return to the Basics*, de Floyd Nolan Jones, ThD, PhD. A primeira edição apareceu em 1993;

¹ Sim, mas levou também seu pai, e seu sobrinho, e Harã não era a terra prometida. ‘O nosso pai, Abraão’ – os judeus começaram a sua história com Abraão, que começou com obediência incompleta.

² Lá se foram quinze anos de sua vida. E levou consigo o sobrinho Ló, o que seria uma **grande** dor de cabeça (ele foi o pai dos moabitas e dos amonitas – má notícia – debaixo de circunstâncias que não teriam acontecido se ele tivesse ficado em Harã).

³ Abraão tinha 100 anos quando gerou Isaque, que tinha 60 quando gerou Jacó e Esaú. Abraão morreu com 175, de sorte que viu seus dois netos. Mas antes de Isaque houve Ismael . . .

Tenho em mãos a 14ª edição, publicada em 1999 pela KingsWord Press, The Woodlands, Texas. A discussão relevante está nas páginas 58-61, mas atrevo-me a sugerir que qualquer pessoa que leia o livro inteiro considerará que foi um tempo bem gasto.